

Mensagem · ao · Govêrno de Portugal

Celso



da Federação das Associações ·
· Portuguesas do Brasil · ·

60.00





Mensagem



Federação
das Associações Portuguesas
do Brasil





Mensagem
Ao
Govêrno de Portugal

Da
Federação
das Associações Portuguesas
do Brasil



COMPRA
204773

S.C.
6222

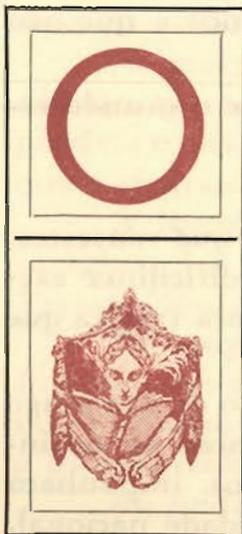
Mensagem
Ao
Govêrno de Portugal

Da
Federação
das Associações Portuguezas
do Brasil



VENERANDO PRESIDENTE DA REPÚBLICA,
GENERAL ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República :



S Portugueses residentes no Brasil vêm, por intermédio da Federação das suas Associações, trazer a sua solidariedade aos que nesta hora grave respondem pela segurança e bem-estar da nossa Pátria.

Eles querem significar, com esta demonstração do seu entusiasmo e do seu aprêço, a constante atenção com que acompanham o desenvolvimento das etapas dessa tarefa gigantesca que é o ressurgimento das energias da Nação, empreendida por aqueles aos quais dirigem, neste momento, os mais vivos aplausos.

Não desconhecem quão árduo foi esse trabalho e quanto esforço terá ainda de ser despendido para que se vá ao têrmo da missão tão benemérita como essa do Estado Novo.

E porque conhecem êles próprios o valor do esforço e da tenacidade inflexível, é que nutrem uma fé absoluta nos destinos da pátria, desde que a revolução de 28 de Maio entregou a direcção nacional a homens possuidores da mais alta capacidade moral e administrativa.

Temos um presente realizado, com um ritmo que o encadeia naturalmente no sentido histórico do que fomos e o encaminha em direcção ao que havemos de ser, para que não faltemos à finalidade da nossa missão como povo e como raça.

Por isso mesmo, atravessamos o Oceano e aqui estamos a prestar-lhes as nossas homenagens.

E' o dia da nossa romagem ao Govêrno da Nação, depois de termos seguido, com entusiasmo e alvoroço, o renascer triunfante da nossa Pátria.

Não importa saber de que quadrante do pensamento foram os homens que neste momento vos falam. De pouca monta é isso, em verdade, quando podemos afirmar que somos Portugueses, Portugueses acima de tudo.



Traz-nos aqui um acto de gratidão, pela parte que nos toca no que foi realizado e que constitue o orgulho da hora que passa para qualquer Português, dentro ou fora de Portugal.

Não seria necessário recapitular as benesses materiais e morais que o Govêrno tem levado a efeito, na terra e no espírito.

São obras que vivem no reconhecimento de todos nós e que não podem ser negadas por ninguém de boa fé.

Estão aí no éco, que pelo mundo se espalha, e que o mundo escuta com admiração e respeito.

A vida portuguesa está restaurada.

Em dia a pôs o generoso e heroico sacrifício da luta que vencestes, tanto mais valiosa quanto ela se exerceu em época de difficílissima execução, perturbada pelas convulsões que caracterizam a hora trágica que atravessamos.

Foi no meio da pavorosa crise mundial, último acto de um longo drama social, que o milagre das finanças portuguesas venceu as contingências dolorosas daquela triste realidade, quando nos impunham vexatórias condições de empréstimo, atentatórias da dignidade nacional.

Ao sorriso céptico com que então nos acolheu o mundo financeiro, ao relegarmos altivamente tais imposições, correspondia, todo iluminado de confiança, o patriotismo do Homem que Deus chamou ao Govêrno do País, num dos seus mais difíceis momentos históricos: — Salazar!

Da vigília, da locubração, do estudo das nossas possibilidades, da moralização dos dinheiros públicos, surgiu, em pouco tempo, o equilíbrio financeiro; do equilíbrio, o "superavit" e dêste a justíssima fama de país de boas contas e boa moeda, em que Portugal é tido actualmente no estrangeiro. E dos lábios dos cépticos de outrora caíu o sorriso escarinho de apoucamento, arrancado pela fôrça da verdade e convertido, não raro, em rasgado elogio na imprensa mundial, no livro, na conferência e na letra dos tratados económicos.

O pobre doutrota, olhado de soslaio, como povo à margem, sem paz e sem pão, passou a ser escutado, estudado e até copiado pelos orgulhosos do mundo, que nunca compreenderam, como os portugueses, o que é a beleza do sacrifício, a mais alta expressão de amor à Terra-Mater.

E vieram as realizações na terra.

Abriram-se caminhos de cidade em cidade, até ao seio das pro-



víncias que o centralismo governativo de Lisboa tinha esquecido e abandonado.

Caminhos abertos, rasgadas vias de comunicação a convidar o povo a passeios fraternais, de terra em terra, aproximando os interesses do mercado e unindo mais os corações da nossa gente que se encontra, cá e lá, estrada abaixo estrada acima.

No mar, de tão assinalado destino português, em tentadora visinhança, que sempre teve os seus devotos nos navios ao largo, nos barcos pòveiros e nas rêdes de pescar, foram abertos os portos, abrigando aos que o singram, na faina da sua actividade fecunda.

A lavoura restaurou-se, desde a charneca pálida, à verdejante campina, das encostas dionisiacas do Douro, às terras altas da Beira e Traz-os-Montes.

Da apagada noção colonial que se tinha entre nós, surgiu esse Império com vida, integrado na nossa alma, assinalando a extensão do nosso mundo, em benefício do interesse geral e também da civilização e do progresso das nossas tradições coloniais.

Ao soldado e ao marinheiro, duas expressões históricas da raça, guardas avançadas da nossa integridade, nesta hora conturbada pelo fanatismo asiático de uns, e pelo egoísmo feroz de outros, foi dada uma nova espada do Alfageme para o melhor desempenho da sua patriótica missão.

E vieram as realizações no espírito.

A face moral portuguesa iluminou-se de fé nova, aprumou-se com dignidade, na atitude dos heróis antigos: Ala dos Namorados ou Legião Portuguesa.

A inteligência foi incorporada à vida nacional e as ciências e as artes foram estimuladas com o prémio que lhes são devidos.

A instrução disseminou-se e, para completar a revolução social do nosso meio, uniram-se os Portugueses na mais útil das tradições antigas: a Corporação.

Tem expressão o município, a província tem vida, o ultramar longínquo aproxima-se do todo nacional, e Lisboa desdobra-se sôbre Portugal e o Império e assim vigia e mantém a harmonia da Era Nova.

Reconheceu-se o trabalho, elevando-se o operário àquela posição político-social que lhe pertencia de direito e que o individualismo abstracto sempre lhe negou.

Dignificou-se a família, vinculando-a na base da sociedade, como elemento de conservação e unidade da sua estrutura.

Fez-se a verdadeira, a única revolução social jamais realizada em Portugal.

E aos entrechoques das atitudes mais confusas com que a Europa se pronuncia sôbre a invasão moscovita em terras de Espanha, o Govêrno de Portugal responde com firmeza e dignidade que desnor-teiam os interêsses de uns e a paixão obstinada de outros.

Por isso, os Portugueses estão com o seu Govêrno, fortes e unidos, aclamando e louvando a alta posição a que foi elevada a Pátria no con-cêrto das Nações.

E' que existe uma nova consciência nacional que despertou por obra e graça do sadio patriotismo de seus dirigentes.

E dessa consciência nacional nasceu, como em tempos idos, a melhor aliança dos Portugueses com o seu Govêrno, num só bloco e numa só fé.

Contai-nos nessa aliança, porque nós, os Portugueses do Brasil, também saberemos formar, se fôr preciso, na Legião Portuguesa e mar-char na conquista dos séculos em que Portugal há-de viver, íntegro, eterno e glorioso.

Esta é a voz dos Portugueses do Brasil.

Esta é a sua palavra sincera que se une, com a mesma intensidade, ao côro das vozes portuguesas, daquém e dalém mar, que tem vindo dizer ao seu Govêrno: — SIM!

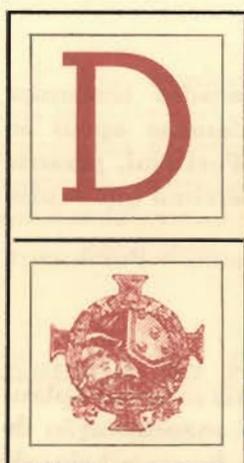
E do cimo dos Lusíadas, da altura dominante da epopeia, possa o Govêrno, contemplando a Pátria, com os olhos no seu futuro, exclamar que não sabe

“Qual é mais excelente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente”

A Federação das Associações Portuguesas do Brasil.



A Fôrça Moral da Mensagem



DISPENSAM comentários, na clareza expressiva do seu laconismo, as palavras de aplauso incondicional dado pelas Associações à ideia da mensagem. Os portugueses federados do Brasil e, com êles certamente, o espírito de quantos mourejam por tôda esta América Brasileira, estão com o Govêrno na sua atitude elevadamente patriótica, dentro do direito e da dignidade de Portugal.

Os telegramas que se seguem são a mais eloqüente prova de solidariedade, de civismo e de amor à terra onde nasceram.

Rio de Janeiro

Directoria Real Gabinete Português Leitura associa-se patriótica iniciativa dessa Federação e subscreve tôdas suas manifestações de aplauso Govêrno Português.

TABORDA — SECRETÁRIO



Directoria Real Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficência, desta Capital, aplaudindo iniciativa patriótica dessa Federação, subscreverá com entusiasmo mensagem aprovada; saudações.

TABORDA — DIRECTOR SECRETÁRIO



Directoria Obra Assistência aos Portugueses Desamparados comunica V. Excia. aderir, incondicionalmente, honrosa iniciativa Federação apoio ao Govêrno Português pela patriótica defesa independência de Portugal, perante insólita intervenção estrangeira nos seus destinos de Pátria libérrima que muito estremecemos.

PARENTE RIBEIRO — PRESIDENTE



Directoria Centro Transmontano expressa a V. Exa. seu mais caloroso aplauso manifestação apoio iniciativa dessa Federação, promovendo manifestação de aprêço ao Govêrno nossa Pátria pelo gesto varonil em defesa da honra e brios de Portugal.

TEIXEIRA — SECRETÁRIO



Em nome da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Soccorros D. Pedro V, venho dizer a V. Exa. que esta instituição aplaude, com entusiasmo e grande prazer, a ideia de se levar ao conhecimento dos eminentes homens públicos portugueses que todos nós estamos possuídos da maior gratidão pela forma altiça, digna e patriótica com que Suas Excias., num momento tão grave para a nacionalidade portuguesa, souberam, com tanta nobreza, defender a honra da Nação.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exa. e aos demais Membros do Directório, os nossos sinceros aplausos.

NICOLAU LUIZ CARDOSO GUIMARÃES — PRESIDENTE

Tenho a imensa satisfação de trazer ao conhecimento de V. Exa. que, na reunião do Conselho Administrativo, de 7 do corrente, foi aprovada, unanimemente, uma proposta do Sr. Conselheiro Izidro da Silva Cabral, de aplausos e perfeita identificação com a atitude do Governo do nosso país no momento, sem precedentes na história do século.

Lembrou mais que se sugerisse ao Conselho da Colônia para que, no dia 1.º de Dezembro, fôsse realizada uma manifestação pública em local previamente designado, onde os trezentos mil portugueses do Rio de Janeiro manifestassem o seu reconhecimento ao Governo e lhe afirmassem solenemente que, em qualquer emergência, estariam ao seu lado.

Desempenhado-me dêste dever, o faço com grande contentamento.
Associação Portuguesa de Beneficência Memória a Luiz de Camões.

NICOLAU LUIZ CARDOSO GUIMARÃES — PRESIDENTE



Snr. Presidente. Meu nome pessoal, nome Sociedade Geografia Lisbã, qualidade sócio correspondente, tenho honra rogar V. Excia. se digne conceder-me permissão assistir próxima sessão, dia 12, para tornar-me solidário deliberações tomadas, afim prestar homenagem apoio nosso Governo, atitude firme, desasombrada assumiu defesa independência, honra, dignidade Pátria.

Para Bem Nação.

OLIVEIRA GUIMARÃES



Estado do Rio de Janeiro

Respondendo vosso atencioso telegrama, Sociedade Portuguesa Beneficência Niterói, louvando tal iniciativa, está inteiramente solidária manifestação aplauso governo nosso País.

ARMANDO MALHÃO — PRESIDENTE



Directoria solidária V. Vxa. manifestação nosso Governo. Manoel Azevêdo Falcão, Presidente Centro Musical Beneficente Colônia Portuguesa de Niterói.



Sociedade Portuguesa Beneficência Campos vem manifestar decidido apoio e solidariedade mensagem vai ser dirigida Governo Português, iniciativa egrégio Conselho Colônia, traduzindo e patenteando vivos aplausos nossos compatriotas, pela maneira altamente patriótica vem ele conduzindo destinos administrativos e políticos nossa gloriosa pátria; atenciosas saudações

AUGUSTO DE FARIA — PRESIDENTE

Irmanados mesmo sentimento altiva atitude govêrno protuguês cenário política internacional, Grémio Português Luiz de Camões, representando Colónia Campos, aplaude iniciativa mensagem, associando-se tóda plenitude.

PIMENTA DUARTE — PRESIDENTE



Grémio Português Nova Friburgo apoia entusiasticamente patrióticos intuitos mensagem ao Govêrno nossa Pátria, nova e gloriosa encarnação espírito ressurreição brios tão portugueses, desassombrada atitude defesa civilização cristã, tão sèriamente ameaçada por comunismo destruição concepção pátria dignidade humana.

FRANCISCO MADEIRA — SECRETÁRIO



Grémio Português de Teresópolis transmite S. Exa. nosso embaixador, grande contentamento patriótico sentimos com manifestação de hoje, dizendo-lhe também que aqui nos encontramos unidos para defesa nossa pátria, pela qual daremos se necessário for, nossa vida.

Saudações.

JOSE' JOAQUIM REGADAS — PRESIDENTE



Estado de S. Paulo

Clube Português dá seu apoio a tão nobre iniciativa e felicita Federação pela sua atitude.

MANOEL COUTINHO — PRESIDENTE



Aplaudimos calorosamente — Câmara Portuguesa de Comércio.

COUTINHO — PRESIDENTE



Sociedade Portuguesa Beneficente Vasco Gama S. Paulo aprovará mensagem Govêrno nosso País, calorosa atitude com que tem defendido independência moral e brios nossa pátria.

MORAES PONTES — PRESIDENTE DIRECTORIA

Associação Portuguesa Esportes, coerente seus pontos de vista expressos sua mensagem organizada cinco de outubro, que continua recebendo assinaturas Portugueses S. Paulo, dá sua inteira solidariedade Conselho Colônia no sentido apoiar louvor Governo Português sua patriótica actuação

ENIO ALVES — PRESIDENTE



Acusando o recebimento do telegrama referente á mensagem que vae ser dirigida ao Governo do nosso País, temos a grata satisfação de levar ao seu Conhecimento que esta Directoria deliberou prestar apoio incondicional a tão oportuna quão patriótica iniciativa.

Associação Portuguesa de Socorros Mútuos Sacadura Cabral — Gago Coutinho.

MANOEL PINTO MONTEIRO — I.º SECRETÁRIO



Universidade Portuguesa de Cultura Tradicionalista, em organização, por sua directoria social fundadora, apresenta a V. Exa. cumprimentos affectuosos, pede se digne representá-la dia 29, manifestação da Colônia Portuguesa, solidária atitude governo defesa Pátria, perante embaixador, legítima expressão alma portuguesa.

ARTUR DE VASCONCELLOS — PRESIDENTE



Estado de S. Paulo (Santos)

Associações Portuguesas Federadas de Santos, Beneficência Portuguesa, Real Centro, Centro Republicano, União Portuguesa, e Escola Portugal, em reunião conjunta dos seus representantes com comissão local do Conselho da Colônia, dão seu desassombrado apoio á Federação para que inclua as colectividades portuguesas de Santos em tôdas as demonstrações que manifestar ao Governo nossa Pátria, na orientação que tomou ou tomar em face da situação internacional que atravessamos.

FRANCISCO BENTO CARVALHO



Inteiramente solidários pensamentos V. Encias. mensagem Governo nossa Pátria.

REAL CENTRO PORTUGUÊS — SANTOS

União Portuguesa Santos aplaude, associando-se incondicionalmente feliz deliberação mensagem Governo Português, política firme nosso País.

BERNARDINO PEREIRA LEITE — PRESIDENTE



Desvanecidos honrosa consulta, rogamos inscrever Escola Portuguesa Santos numero associações signatárias mensagem Governo nosso País, efusivo aplauso política altamente patriótica com que tem defendido brios nossa idolatrada Pátria.

AMÉRICO MARQUES — PRESIDENTE



Directoria Sociedade Beneficente Portuguesa de Olimpia congratula-se mensagem Governo Português, mantendo defesa tradições nossa Pátria.

JOSE' RODRIGUES FERREIRA — PRESIDENTE



Em reunião de hoje, directoria Sociedade Portuguesa Beneficência Ribeirão Preto deliberou solidariedade mensagem Governo nosso País.

FERREIRA JORGE — PRESIDENTE



Sociedade Portuguesa Beneficência Araraquara apoia incondicional directriz Governo nossa Pátria, sentido solidário com que V. Exa. resolverem.

JOÃO DA SILVA — PRESIDENTE



Sociedade Portuguesa Beneficente Avaré está inteiro acôrdo resolução dessa digna Federação.

DIAMANTINO FERREIRA



Directoria Sociedade Portuguesa de Beneficência Piracicaba, solidária com mensagem Governo Português.

PELA DIRECTORIA — JOÃO FERNANDES SERRA — PRESIDENTE



Directoria Beneficência Portuguesa Baurú, em nome seus associados, apoia e associa-se mensagem grande Governo nossa terra

JOAQUIM MARQUES — SECRETÁRIO

Sociedade Portuguesa Socorros Mútuos Campinas, apresenta Directório inteira solidariedade mensagem Governo Português.

CARLOS RIBEIRO — PRESIDENTE



Beneficência Portuguesa Campinas dá seu inteiro apoio à patriótica ideia proposta pelo Sr. Comendador Rainho.

FERNANDO PASSOS — PRESIDENTE



Grémio Português Campinas, por sua Directoria e associados, hipoteca inteira solidariedade vosso modo sentir em face actuação brilhante e altiva patriótico Governo nosso Portugal —

JOSE' HENRIQUE — PRESIDENTE



Sociedade Portuguesa Beneficência S. Bernardo associa-se lembrança mensagem Governo nosso País, caloroso aplauso firme política digna com que tem defendido independência moral e brios nossa Pátria, saudações.

PALHINHA — SECRETÁRIO



Estado de Minas Geraes

Centro da Colónia Portuguesa Belo Horizonte acompanha vivo interêsse atitude altiva Governo nossa Pátria, defendendo independência moral e brios nação portuguesa — apoia integralmente resolução conselho mensagem de caloroso aplauso —

MALTEZ SOBRINHO — SECRETÁRIO — JOAQUIM ALVES CARVALHO — PRESIDENTE



Resposta vosso telegramma apoiamos Federação tão patriótica iniciativa aplaudir dirigentes nossa pátria.

DIRECTORIA DA SOCIEDADE AUXILIADORA PORTUGUESA JUIZ DE FÓRA



Centro Português Teófilo Otoni, solidário qualquer resolução prestigiar acção Governo Português.

ALFREDO FIGUEIREDO — SECRETÁRIO

E' com vivo entusiasmo que me associo manifestação solidariedade que essa agremiação vai prestar oportunamente Governo Portugal Oliveira Salazar, lídima glória nossa, pela posição desassombrada perante as demais potências no caso de não intervenção na guerra civil hespanhola — a bem da nação — o vice Consul em Varginha.

MANOEL MARTINS



Tendo conhecimento da manifestação que essa Federação deseja levar a efeito em homenagem ao Governo Português, na pessoa do Snr. Embaixador de Portugal; e, em vista do nosso Grémio, ser uma Sociedade nova, mas que acompanha de perto tudo o que se relacione com engrandecimento das duas pátrias — Portugal — Brasil, venho, pelo presente, pedir-vos para representardes a nossa Sociedade em todos os actos que digam respeito à manifestação, pelo que desde já vos antecipo os meus melhores agradecimentos.

GRÉMIO LUSO-BRASILEIRO DE VARGINHA — JOÃO CALDEIRA — SECRETÁRIO



Felicitemos Federação, juntando aplausos Governo nação, Portugueses S. João Del Rei acompanham Salazar, Regenerador Nacionalidade — Saudações,

MANUEL AZEVEDO — CARLOS ALVES — MANUEL NETTO — JOÃO NOGUEIRA — MARINHO QUEIROZ — FORTUNATO COSTA — ROQUE CARVALHO — PEREIRA ROLO



Portugueses residentes S. João Del Rei pedem representá-los amanhã manifestação patriótica apoio Governo espiritualmente presentes cumprimento dever. — Saudações.

MANUEL AZEVEDO — CARLOS ALVES — MARINHO QUEIROZ — FORTUNATO COSTA — MANUEL NETTO — ROQUE CARVALHO — ANTONIO ROLO



Estado do Paraná

Centro Português Curitiba associa-se, com grande satisfação, mensagem ser dirigida Governo nossa Pátria pela Federação Associações Portuguesas Brasil

AUGUSTO MOREIRA DUARTE, — SECRETÁRIO

Centro Português de Paranaguá é solidário nosso Govêrno e com o que Conselho deliberar respeito mensagem. Saüdações.

DOMINGOS ALVES PINTO — PRESIDENTE



Estado do Rio Grande do Sul (Pelotas)

Vice Consul, Conselho Colônia, Beneficência, Centro Português reünidos, certos traduzir sentir geral portugueses Pelotas, orgulhosos atitude nobre, franca, decidida, como Govêrno tem sabido engrandecer, dignificar Portugal, elevando o nível, brios, dignidade honra nacionalidade, aplaude entusiasticamente brado bem compreendido nacionalismo portugueses Brasil, intermédio Conselho Colônia.

LINO SARAIVA, OLIVEIRA VICE CONSUL E PRESIDENTE BENEFICENCIA
JOSE' HENRIQUES CARVALHAL, PRESIDENTE CONSELHO COLÓNIA
MANUEL NUNES OLIVEIRA, PRESIDENTE CENTRO PORTUGUÊS.



Respondendo telegrama V. Excia. me expediu em 7 corrente, tenho honra comunicar corpo director Conselho Colônia do Rio Grande aplaude com entusiasmo nobre gesto instituição V. Excia. preside, enviando Govêrno nossa querida Pátria mensagem caloroso aplauso forma altiva está defendendo independência moral e brios nossos glorioso País. Saüdações.

JOSE' AMARO CARVALHO — ENCARREGADO CONSULADO E MEMBRO CONSELHO



Bagé

Nosso apoio incondicional à política firme e patriótica pelo bem da nação

BENEFICÊNCIA PORTUGUESA BAGE' — FRANCISCO DE SOUZA PINTO — PRESIDENTE



Uruguaiana

Louvamos vossa iniciativa. A colônia portuguesa domiciliada nesta cidade vem acompanhando, com muito interêsse e máxima atenção, o desenrolar dos acontecimentos nos quais o nosso govêrno uma vez mais tem mostrado grande capacidade e patriotismo sem limites, defendendo com inteligência uma política firme e sã a honra, independência moral, os brios da nossa querida pátria; os portugueses aqui residentes por meio da Casa de Portugal, pedem a Vs. Exas. sejam os

nossos intérpretes no que emprestamos absoluta e incondicional solidariedade à ação do nosso Governo, hoje muito dignamente chefiado pelos grandes portugueses senhores General Carmona e Oliveira Salazar —

JAIME ROCHA FIGUEIRA — SECRETÁRIO DA CASA DE PORTUGAL DE URUGUAIANA
JOSE' ALCOVIA — PRESIDENTE

◆ ◆ ◆

Estado de Alagoas (Maceió)

União Beneficente Portuguesa Maceió reunida fim especial tomar conhecimento assunto telegrama essa Federação apoia incondicionalmente mensagem dirigir Governo nosso país caloroso aplauso digna atitude defesa integridade moral saudações

ERNANI LEITE — SECRETÁRIO

◆ ◆ ◆

Estado de Mato Grosso

Aqui, como em tôda a parte, alma lusitana vibra de entusiasmo ante acção patrioticamente altiva govêrno nossa estremecida pátria definindo sombranceira atitude consoante necessidades momento delicado atravessa Península Ibérica. Centro Beneficente Português de Campo Grande julga intpretrar fielmente sentimentos todos os compatriotas em Mato Grosso, afirmando apoio e solidariedade ao govêrno nosso país. Saudações.

MANOEL CARVALHO — SECRETÁRIO

◆ ◆ ◆

Estado da Baía

Respondendo vosso telegrama autorizo assegurar integral apoio do Conselho Colónia Baía à patriótica mensagem de aplausos nosso Govêrno. Cordeaes Saudações.

FRANCISCO PEDREIRA

◆ ◆ ◆

Directoria Gabinete Português Leitura Baía, solidária deliberação Conselho Colónia enviar mensagem nosso benemérito Govêrno, aplaudindo veemente política dignificante patriótica defesa, brios Pátria querida, congratula-se enviando sinceros aplausos

JOSE' COSTA MAGALHÃES — PRESIDENTE

Real Sociedade Portuguesa Beneficência 16 de Setembro da Baía, manifesta simpatia integral solidariedade transmissão mensagem Governo nosso País, calorosos aplausos maneira firme, digna, altamente patriótica, tem sabido defender brios nacionalidade.

ALBINO OLIVEIRA — SECRETÁRIO



Estado de Pernambuco

Posso afirmar V. Excia. colónia inteiramente solidária tôdas merecidas manifestações endereçadas nosso digno Governo, ao qual portugueses de Pernambuco promoveram 7 Setembro último sessão cívica homenagem idêntico fim, sendo remetida mensagem presidente Salazar, com muitos centos assinaturas
Pelo Consêlho da Colónia de Recife

FRANCISCO PINTO



Concordamos todas manifestações solidariedade prestadas neste momento nosso Governo, que tão galhardamente vem conduzindo nossa terra melhores destinos, conquistando dia a dia para Portugal o respeito e a admiração dos povos cultos, mercê de uma política segura inspirada legítimos interêsses Pátria.
Gabinete Português de Leitura Recife.

FRANCISCO FELIPE DIAS — SECRETÁRIO



Achamos justíssimas merecidas homenagens possamos prestar nosso digno Governo e somos solidários com manifestações projectadas.

BERNARDINO FERREIRA COSTA, PROVEDOR INTERINO
REAL HOSPITAL PORTUGUÊS BENEFICÊNCIA PERNAMBUCO



Renovamos entusiasticos aplausos homenagem nosso Governo, já aqui demonstrados sessão cívica Colónia Pernambuco realizada 27 de Setembro tudo pela dignidade nossa pátria

TUNA PORTUGUESA RECIFE



Estado do Maranhão

Resposta telegrama, apoiamos manifestação solidariedade nosso Governo, firme atitude política tem seguido.

DIRECTORIA LIGA PORTUGUESA REPATRIAÇÃO S. LUIZ — MARANHÃO

Hipotecamos solidariedade incondicional apoio Governo nosso país maneira tem se conduzido.

GRÉMIO LITERO-RECREATIVO PORTUGUÊS — S. LUIZ — MARANHÃO



Sociedade Humanitária Primeiro Dezembro S. LUIZ-MARANHÃO, solidariza-se, enaltece patriótica iniciativa, delegando poderes V. Excia. servir intérprete entusiasmo orgulho cívico com que nossos consócios acompanham política firme nosso glorioso país.

EDMUNDO CALHEIROS — 1.º SECRETÁRIO



Estado do Ceará

Sociedade Beneficente Portuguesa 2 Fevereiro Fortaleza aplaude entusiasmo ideia transmissão mensagem Governo Português. Saudações.

MANOEL GONÇALVES — PRESIDENTE



Estado do Pará

Liga Portuguesa Repatriação Pará, associa-se moção solidariedade chefe Governo Salazar, atitude digna, patriótica, presente momento.

JOÃO BRITO CRISOSTOMO — PRESIDENTE



Incondicional apoio gesto patriótico saúdosa Pátria.

SOCIEDADE VASCO DA GAMA — PARA'



Aplausos e inteira solidariedade nobre gesto nossa amada Pátria.

TUNA LUZA COMERCIAL — PARA'



Incondicional acôrdo com o que essa digna directoria resolver sôbre o assunto seu telegrama

DIRECTORIA DA BENEMÉRITA SOCIEDADE PORTUGUESA BENEFICÊNCIA PARA'

Respondendo telegrama dia 5, expressamos calorosos aplausos e solidariedade, feliz idea esse directório de enviar mensagem Governo Português, motivo sua nobre e desassombrada attitude perante o mundo.

CÂMARA PORTUGUESA PARA'



Em nome Directoria do Grémio Literário Português, concordamos plenamente enviar mensagem calorosos aplausos política digna valoroso Governo nossa Pátria

JUVENTINO FENDEIRO — SECRETÁRIO



Estado do Amazonas

Luso Sporting Clube Manáos, elogiando attitude Federação, solidário acto que enobrece Colónia Portuguesa Brasil, congratula-se resolução tomada Federação Associações Portuguesas Brasil — Directoria.



Sociedade Lusitânia Repatriadora Manáos, meu intermédio, hipoteca esse Directório mais calorosa solidariedade mensagem ser dirigida patriótico Governo nosso País, aplaudindo decidida política vem mantendo, defendendo tradição e honra Pátria.

EMÍGDIÓ VAZ OLIVEIRA — PRESIDENTE



Directoria Beneficente Amazonas, apoiando nobilitante attitude Governo Português, actual momento, empresta incondicional solidariedade mensagem Conselho Director pretende nome colónia remeter ao Governo

CARNEIRO GERALDES — PRESIDENTE



Resposta seu telegramma 5 corrente, hipotecamos máxima solidariedade justa, oportuna homenagem Conselho Colónia vae prestar nosso Governo, que tanto tem elevado nossa Pátria.

JOSE' COSTA NOVO — PRESIDENTE GRUPO PRO' POVOA



Rogo transmitir Conselho Director, Conselho Colónia, nossa solidariedade e aplausos mensagem transmitir Governo País, pela forma digna como tem mantido nossas tradições. Pela União Sportiva Portuguesa Manáos.

FRANCISCO ANDRADE — PRESIDENTE

Mensagem

Exmo. Sr. Dr. Oliveira Salazar —

LISBOA :

Os Conselhos da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, constituídos pelos representantes de oitenta e seis associações federadas, incluindo mais de duzentos e cinquenta mil membros, em reunião magna hoje no Gabinete Português de Leitura, com a assistência do Público, deliberaram aplaudir, com entusiasmo, a brilhante acção do Governo Português em defesa da honra e dignidade da Nação. Encerrada a sessão deliberativa, uma comissão da Federação dirigiu-se à Embaixada de Portugal, afim de solicitar de S. Ex. o Sr. Embaixador sua comparência ao Gabinete Português, para presidir à sessão solene em que se converteu a reunião acima referida. S. Ex. foi recebido com entusiásticos aplausos, havendo usado da palavra vários oradores que traduziram, em vibrantes discursos, o pensamento de todos os portugueses do Brasil, concluindo por pedir ao representante de Portugal houvesse por bem levar ao conhecimento do Governo Português o sentir unânime da Colónia Portuguesa do Brasil externado nesta memorável reunião magna.

Romagem Patriótica à Embaixada de Portugal

A



POPULAÇÃO portuguesa do Rio de Janeiro, acrescida de numerosas representações de outras cidades e de outros estados e aplaudida por vários telegramas recebidos, não quis deixar de se manifestar ruidosamente, depois da sessão solene do dia 12 de Novembro de 1936, realizada no Gabinete Português de Leitura.

Como quem vai à Batalha, nos campos de Aljubarrota, retemperar a alma na evocação sãdia dos Cavaleiros de Aviz, os portugueses do Rio de Janeiro, ainda no mesmo programa de patriotismo da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, dirigiram-se, no dia 29 do mesmo mês à Embaixada de Portugal, numa calorosa manifestação de solidariedade ao Govêrno.

O que ali se passou, de vibrantíssimo entusiasmo, ultrapassa todo o poder de fixar numa descrição o éco, sequer, dessa bela parada de civismo.

Muitos oradores arrancaram, da alma quente daquela multidão, tôda a vibratibilidade com que a nossa gente sabe manifestar-se, nos dias grandes das grandes causas.

O bellissimo discurso do Embaixador de Portugal, Senhor Dr. Martinho Nobre de Melo, proferido nesse dia memorável, atesta claramente a alta significação dessa romagem.

Discurso do Embaixador de Portugal

“O sinal de alarme, em defesa da dignidade e integridade nacional, lançado por Salazar através as abóbadas do monumento da Batalha erguido sobre os campos gloriosos de Aljubarrota, repercutiu do norte ao sul do país, solevando e irmanando na mais pura comoção lusíada os corações portugueses.

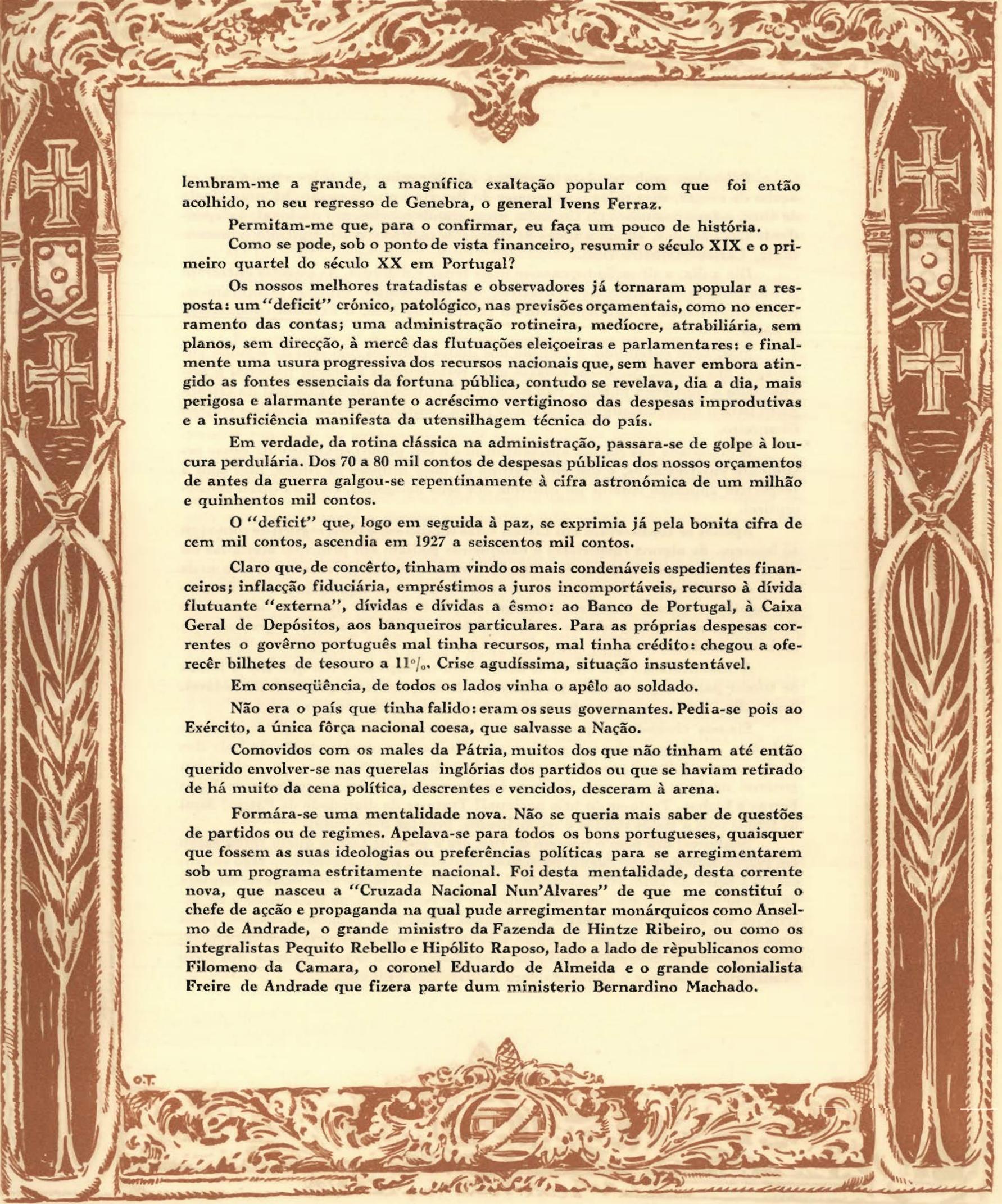
Foi tudo? não! Parece que um fluido magnético, invisível, incoercível, eliminou as distâncias e se propagou e distendeu por todos os continentes, tocando e alarmando cada peito português, onde quer que ele pulse e viva. Parece que uma grande onda misteriosa e procelosa se formou nas velhas praias da Lusitânia e rolando através do oceano veio quebrar-se e estatelar-se, fragorosamente, nas margens sul-americanas do Atlântico, fazendo reboar aos ouvidos dos Portugueses do Brasil não já o eco das contendas fraticidas da Europa meridional e do norte africano mas o próprio apêlo da Pátria amada!

Eis porque todos êles aqui se encontram hoje, apinhados em tórno do representante do seu govêrno, presentes em pessoa, por dezenas de milhares, e em espírito, por suas delegações e representações legítimas, atingindo o milhão. Eis porque êles acodem hoje, pressurosos e unidos, à sua Embaixada; a êste seu rincão de solo natal amorosamente encravado no seio filial da terra brasileira; a esta como sua pequenina aldeia portuguesa, tôda risonha e florida, mas em que repentinamente os sinos entrassem a repicar, a tocar a rebate, contra as hordas invasoras.

E de todos os seus corações, de suas gargantas ansiosas, de sua alma, julgo soltar-se um brado uníssonos que vai direito ao coração da Pátria como uma flecha de amor, e que eu ousou interpretar nestas poucas palavras: “queremos que Portugal continue a ser o que é há oitocentos anos: terra de Portugueses e só de portugueses”.

Tenho de felicitar bem sinceramente os Conselhos da Federação das Associações Portuguesas do Brasil pela formidável consagração popular que assim obtém a sua recente mensagem de louvor e de solidariedade ao nosso govêrno; felicito igualmente a imprensa portuguesa do Brasil pelo vivo entusiasmo com que foram escutados os seus patrióticos apelos à união e à acção; mas é principalmente a mim próprio que devo as melhores felicitações por êste admirável espectáculo, a que me é dado hoje assistir, de perfeita unidade da colônia portuguesa do Brasil, de sua plena solidariedade com o Govêrno Nacional e, para que não dizê-lo?, de sua plena solidariedade com as autoridades brasileiras na manutenção da ordem cívica e da paz pública.

Um dos oradores, que me precederam, lembrou aqui um episódio célebre da história das relações de Portugal com o Instituto de Genebra, em 1927. Instantaneamente, ante semelhante evocação, esta manifestação de hoje, todas as manifestações populares que em Portugal e no Brasil estão sendo feitas ao govêrno,



lembram-me a grande, a magnífica exaltação popular com que foi então acolhido, no seu regresso de Genebra, o general Ivens Ferraz.

Permitam-me que, para o confirmar, eu faça um pouco de história.

Como se pode, sob o ponto de vista financeiro, resumir o século XIX e o primeiro quartel do século XX em Portugal?

Os nossos melhores tratadistas e observadores já tornaram popular a resposta: um “deficit” crónico, patológico, nas previsões orçamentais, como no encerramento das contas; uma administração rotineira, medíocre, atrabiliária, sem planos, sem direcção, à mercê das flutuações eleiçoeriras e parlamentares: e finalmente uma usura progressiva dos recursos nacionais que, sem haver embora atingido as fontes essenciais da fortuna pública, contudo se revelava, dia a dia, mais perigosa e alarmante perante o acréscimo vertiginoso das despesas improdutivas e a insuficiência manifesta da utensilhagem técnica do país.

Em verdade, da rotina clássica na administração, passara-se de golpe à loucura perdulária. Dos 70 a 80 mil contos de despesas públicas dos nossos orçamentos de antes da guerra galgou-se repentinamente à cifra astronómica de um milhão e quinhentos mil contos.

O “deficit” que, logo em seguida à paz, se exprimia já pela bonita cifra de cem mil contos, ascendia em 1927 a seiscentos mil contos.

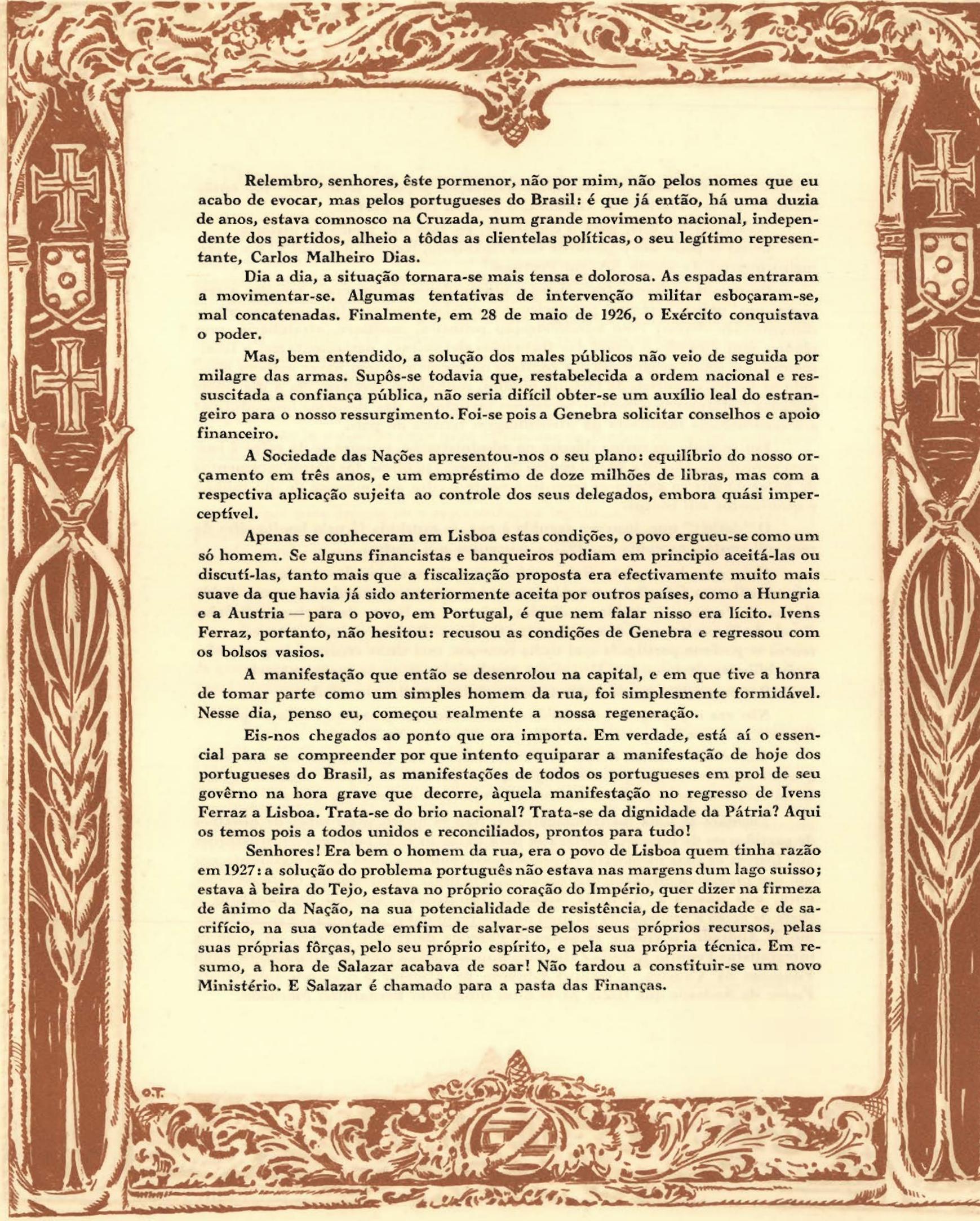
Claro que, de concêrto, tinham vindo os mais condenáveis espedientes financeiros; inflação fiduciária, empréstimos a juros incomportáveis, recurso à dívida flutuante “externa”, dívidas e dívidas a êsmo: ao Banco de Portugal, à Caixa Geral de Depósitos, aos banqueiros particulares. Para as próprias despesas correntes o govêrno português mal tinha recursos, mal tinha crédito: chegou a oferecer bilhetes de tesouro a 11%. Crise agudíssima, situação insustentável.

Em consequência, de todos os lados vinha o apêlo ao soldado.

Não era o país que tinha falido: eram os seus governantes. Pedia-se pois ao Exêrcito, a única fôrça nacional coesa, que salvasse a Nação.

Comovidos com os males da Pátria, muitos dos que não tinham até então querido envolver-se nas querelas inglórias dos partidos ou que se haviam retirado de há muito da cena política, descrentes e vencidos, desceram à arena.

Formára-se uma mentalidade nova. Não se queria mais saber de questões de partidos ou de regimes. Apelava-se para todos os bons portugueses, quaisquer que fossem as suas ideologias ou preferências políticas para se arregimentarem sob um programa estritamente nacional. Foi desta mentalidade, desta corrente nova, que nasceu a “Cruzada Nacional Nun’Alvares” de que me constituí o chefe de acção e propaganda na qual pude arregimentar monárquicos como Anselmo de Andrade, o grande ministro da Fazenda de Hintze Ribeiro, ou como os integralistas Pequito Rebello e Hipólito Raposo, lado a lado de republicanos como Filomeno da Camara, o coronel Eduardo de Almeida e o grande colonialista Freire de Andrade que fizera parte dum ministerio Bernardino Machado.



Relembro, senhores, êste pormenor, não por mim, não pelos nomes que eu acabo de evocar, mas pelos portugueses do Brasil: é que já então, há uma duzia de anos, estava comnosco na Cruzada, num grande movimento nacional, independente dos partidos, alheio a tôdas as clientelas políticas, o seu legítimo representante, Carlos Malheiro Dias.

Dia a dia, a situação tornara-se mais tensa e dolorosa. As espadas entraram a movimentar-se. Algumas tentativas de intervenção militar esboçaram-se, mal concatenadas. Finalmente, em 28 de maio de 1926, o Exército conquistava o poder.

Mas, bem entendido, a solução dos males públicos não veio de seguida por milagre das armas. Supôs-se todavia que, restabelecida a ordem nacional e resuscitada a confiança pública, não seria difícil obter-se um auxílio leal do estrangeiro para o nosso ressurgimento. Foi-se pois a Genebra solicitar conselhos e apoio financeiro.

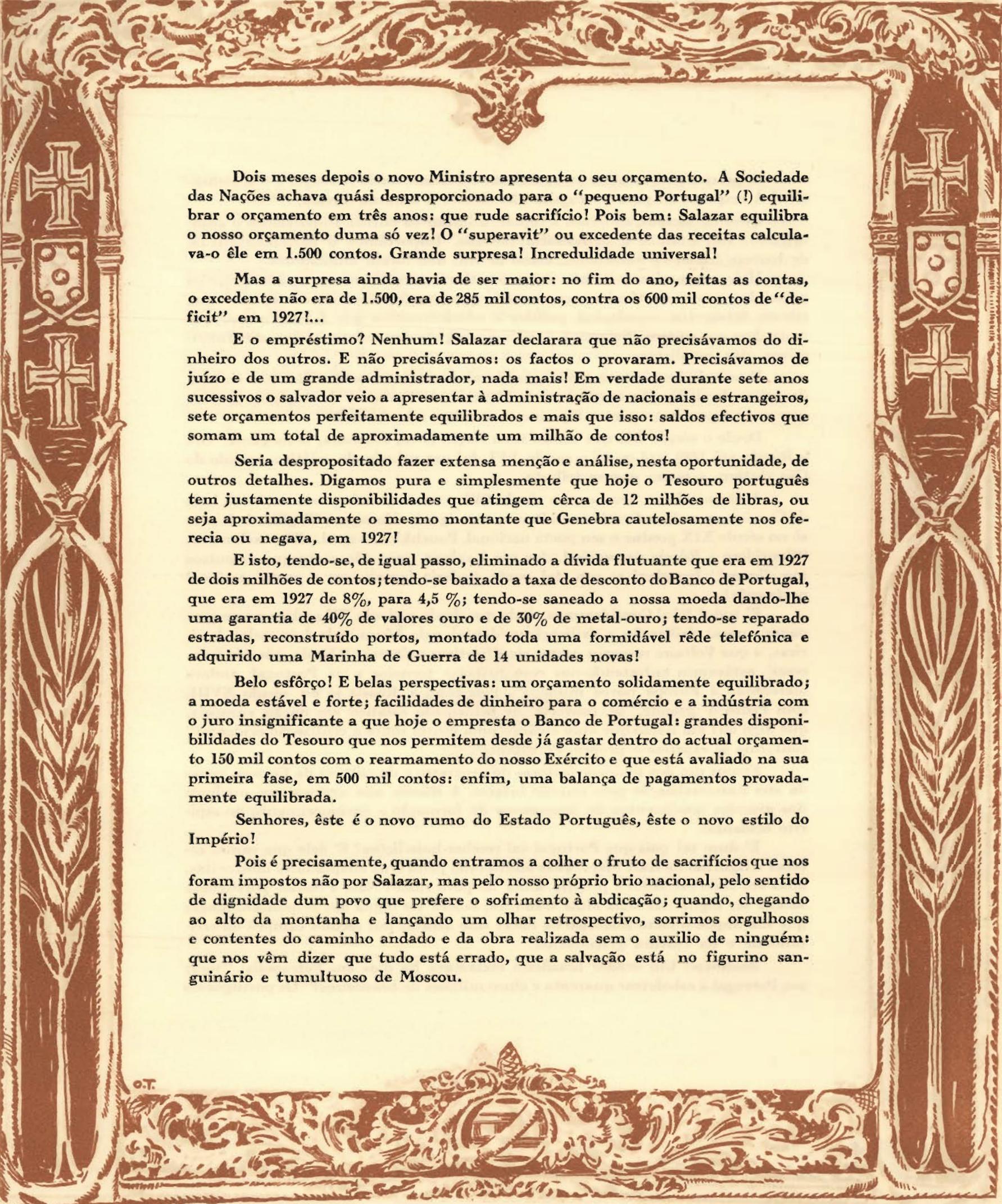
A Sociedade das Nações apresentou-nos o seu plano: equilíbrio do nosso orçamento em três anos, e um empréstimo de doze milhões de libras, mas com a respectiva aplicação sujeita ao controle dos seus delegados, embora quasi imperceptível.

Apenas se conheceram em Lisboa estas condições, o povo ergueu-se como um só homem. Se alguns financistas e banqueiros podiam em principio aceitá-las ou discutí-las, tanto mais que a fiscalização proposta era efectivamente muito mais suave da que havia já sido anteriormente aceita por outros países, como a Hungria e a Austria — para o povo, em Portugal, é que nem falar nisso era lícito. Ivens Ferraz, portanto, não hesitou: recusou as condições de Genebra e regressou com os bolsos vazios.

A manifestação que então se desenrolou na capital, e em que tive a honra de tomar parte como um simples homem da rua, foi simplesmente formidável. Nesse dia, penso eu, começou realmente a nossa regeneração.

Eis-nos chegados ao ponto que ora importa. Em verdade, está aí o essencial para se compreender por que intento equiparar a manifestação de hoje dos portugueses do Brasil, as manifestações de todos os portugueses em prol de seu govêrno na hora grave que decorre, àquela manifestação no regresso de Ivens Ferraz a Lisboa. Trata-se do brio nacional? Trata-se da dignidade da Pátria? Aqui os temos pois a todos unidos e reconciliados, prontos para tudo!

Senhores! Era bem o homem da rua, era o povo de Lisboa quem tinha razão em 1927: a solução do problema português não estava nas margens dum lago suíço; estava à beira do Tejo, estava no próprio coração do Império, quer dizer na firmeza de ânimo da Nação, na sua potencialidade de resistência, de tenacidade e de sacrificio, na sua vontade emfim de salvar-se pelos seus próprios recursos, pelas suas próprias fôrças, pelo seu próprio espírito, e pela sua própria técnica. Em resumo, a hora de Salazar acabava de soar! Não tardou a constituir-se um novo Ministério. E Salazar é chamado para a pasta das Finanças.



Dois meses depois o novo Ministro apresenta o seu orçamento. A Sociedade das Nações achava quasi desproporcionado para o "pequeno Portugal" (!) equilibrar o orçamento em três anos: que rude sacrificio! Pois bem: Salazar equilibra o nosso orçamento duma só vez! O "superavit" ou excedente das receitas calculava-o êle em 1.500 contos. Grande surpresa! Incredulidade universal!

Mas a surpresa ainda havia de ser maior: no fim do ano, feitas as contas, o excedente não era de 1.500, era de 285 mil contos, contra os 600 mil contos de "deficit" em 1927!...

E o empréstimo? Nenhum! Salazar declarara que não precisávamos do dinheiro dos outros. E não precisávamos: os factos o provaram. Precisávamos de juízo e de um grande administrador, nada mais! Em verdade durante sete anos sucessivos o salvador veio a apresentar à administração de nacionais e estrangeiros, sete orçamentos perfeitamente equilibrados e mais que isso: saldos efectivos que somam um total de aproximadamente um milhão de contos!

Seria despropositado fazer extensa menção e análise, nesta oportunidade, de outros detalhes. Digamos pura e simplesmente que hoje o Tesouro português tem justamente disponibilidades que atingem cêrca de 12 milhões de libras, ou seja aproximadamente o mesmo montante que Genebra cautelosamente nos oferecia ou negava, em 1927!

E isto, tendo-se, de igual passo, eliminado a dívida flutuante que era em 1927 de dois milhões de contos; tendo-se baixado a taxa de desconto do Banco de Portugal, que era em 1927 de 8%, para 4,5 %; tendo-se saneado a nossa moeda dando-lhe uma garantia de 40% de valores ouro e de 30% de metal-ouro; tendo-se reparado estradas, reconstruído portos, montado toda uma formidável rêde telefónica e adquirido uma Marinha de Guerra de 14 unidades novas!

Belo esforço! E belas perspectivas: um orçamento solidamente equilibrado; a moeda estável e forte; facilidades de dinheiro para o comércio e a indústria com o juro insignificante a que hoje o empresta o Banco de Portugal: grandes disponibilidades do Tesouro que nos permitem desde já gastar dentro do actual orçamento 150 mil contos com o rearmamento do nosso Exército e que está avaliado na sua primeira fase, em 500 mil contos: enfim, uma balança de pagamentos providamente equilibrada.

Senhores, êste é o novo rumo do Estado Português, êste o novo estilo do Império!

Pois é precisamente, quando entramos a colher o fruto de sacrificios que nos foram impostos não por Salazar, mas pelo nosso próprio brio nacional, pelo sentido de dignidade dum povo que prefere o sofrimento à abdicação; quando, chegando ao alto da montanha e lançando um olhar retrospectivo, sorrimos orgulhosos e contentes do caminho andado e da obra realizada sem o auxilio de ninguém: que nos vêm dizer que tudo está errado, que a salvação está no figurino sanguinário e tumultuoso de Moscou.

E' preciso pois escolher entre Salazar e Staline; entre Portugal e o Kuomintern! A resposta do povo português não oferece a mínima dúvida.

Durante séculos, andámos a copiar, a imitar os outros. Importámos o absolutismo. Importámos a democracia coroada. Importámos o parlamentarismo de barrete frígio. Os resultados, como se viu, não foram animadores.

Hoje regressámos a nós mesmos. Curámo-nos com os nossos próprios princípios, com uma técnica orçamentária que é exclusivamente nossa, com uma ciência financeira, económica, política e administrativa que é bem nossa, que nada deve aos outros; Salazar é o mais português dos universitários, dos financeiros, dos estadistas.

E todavia bem estava ainda quando as doutrinas e os modelos nos vinham de países de civilização sensivelmente idêntica, da França e da Inglaterra. Mas que nos proponham agora o figurino moscovita, não, isso não!

Desde o século XII que somos uma Nação livre, soberana, homogénia. Ora a Rússia até 1480, até quasi o seculo XVI, foi um principado asiático, vassalo do Cão tártaro, a quem pagava tributo.

A nossa cultura deu-nos, no século XVI, o nosso grande poeta nacional, Luiz de Camões, que só na Grecia e em Roma, teve iguais: Homero e Virgilio. A Rússia só no século XIX produz o seu poeta nacional, Pouchkine, o qual, aliás, exclamava: "Considero a Rússia desprezível, dos pés à cabeça, mas não gosto que os outros mo digam!" Imaginai se um tal poeta poderia jamais ser o poeta nacional português!

E' tudo? Não! Consideremos ainda que desde o século XV andávamos a propagar a nossa civilização, a civilização ocidental, pela África, pela Ásia, pelas Américas, o que Voltaire resumiu nestas significativas palavras: "Ainda nós (os franceses) estávamos entretendo-nos com justas e torneios e já Portugal andava oferecendo à Europa novos mundos". Pois bem, a Rússia só no século XVIII, com Pedro o grande, se converte de principado asiático em nação europeia, que digo eu? em nação que abre enfim "uma janela sôbre a civilização ocidental" conforme se exprime o próprio Pouchkine.

Fomos um dos maiores factores do progresso e da cultura da Europa, como da sua universalização pelo mundo inteiro. A Rússia não aparece em nenhum dos grandes movimentos ou momentos de formação e enriquecimento do espírito ocidental.

E' dum tal país que Portugal vai receber hoje lições? E' dele que vamos receber o figurino de Karl Marx, aliás adulterado pelos seus adaptadores moscovitas, aliás em tudo estranho à própria alma do povo russo? Não, a Nação portuguesa saberá ser digna das suas altas tradições, saberá ser digna das responsabilidades que lhe impõe o facto histórico de haver sido através dos séculos campeã da cristandade e da cultura greco-latina.

Senhores! Um orador brasileiro exclamava ha dias em Petrópolis: "tocar em Portugal é esbofetear quarenta e cinco milhões de brasileiros!" Os portugueses

do Brasil estão hoje aqui atestando que tocar em Portugal é arrancar-lhes o próprio coração!

Ousem-no os novos bárbaros! Ousem-no, e em cada português, verão reincarnar-se, ressuscitar, o soldado de Viriato, de Nun'Alvares e Albuquerque; o luso batalhador de Aden, Ormuz, Goa, Diu e Malaca; o vencedor glorioso dos exércitos de Felipe IV comandados pelos seus maiores capitães, como D. Luiz de Haro e D. João de Áustria, literalmente desbaratados nas memoráveis jornadas das linhas de Elvas e Ameixial; o herói silencioso das campanhas africanas de Mousinho, Gomes da Costa, Aires de Ornelas e João de Almeida; o combatente indomável do Carvalho de Araujo e do 9 de Abril; em suma, o português consciente e orgulhoso dos seus oito séculos de história e de independência que não hesitará, para que Portugal viva, em adoptar a célebre divisa do Tércio: "Viva a morte!" E Portugal viverá.



Agradecimento do Govêrno Português

Embaixador de Portugal—Rio de Janeiro:—Rogo a V. Exa. se digne ser intérprete junto das beneméritas associações Portuguesas e dos nossos compatriotas de quanto foi grata a Sua Exa. o Senhor Presidente da República, a mim pessoalmente e a todo o Govêrno, a expressão dos sentimentos manifestados na reunião dos conselhos da sua Federação e de quanto o Govêrno aprecia o apoio que nesta ocasião lhe é afirmado pelos nossos irmãos de além mar, prova eloqüente, entre tantas outras por êles dadas, de que tudo quanto respeita aos destinos e à dignidade da Pátria encontra éco nos seus corações de Portugueses. A todos êles envio a minha saüdação calorosa.

António de Oliveira Salazar. —Presidente do Conselho

P



POUCOS dias depois de enviada a mensagem por intermédio do Embaixador de Portugal, Dr. Martinho Nobre de Melo, Sua Excia. convidou os Conselhos da Federação a reunirem-se no Palácio da Embaixada, com o fim de lhes transmitir o agradecimento do Governo português, de cuja incumbência fôra pelo mesmo Governo encarregado.

Conhecida a resposta de Lisboa, usou então da palavra o Snr. Dr. Augusto de Souza Baptista, vice-presidente em exercício do Directório da Federação, que pronunciou o seguinte discurso:

Exmo. Sr. Embaixador de Portugal.

A mensagem que os portugueses do Brasil enviaram ao nosso Governo, é sintética e precisa. Para espíritos afeitos mais à sonoridade das palavras que à intenção delas, ela poderá merecer até reparo. Para mim, ela poderia ainda comprimir-se mais, porque poderia reduzir-se a uma só palavra — “Apoiado”. Este é o grito que, nesta hora de incerteza que atravessa o mundo, se solta frenético e entusiasta do peito de todos os portugueses do Brasil; este é o grito que V. Exa., Senhor Embaixador, escutou na sessão memorável de quinta-feira, no Gabinete Português de Leitura; este é o grito capaz de traduzir, em tóda a pureza, a intensidade, o sentimento complexo de contentamento e orgulho, de assombro e confiança, de gratidão e fé pela obra admirável do Governo que dirige os destinos da nossa pátria, pela energia e desassombro com que defende os seus direitos, pela altiva dignidade com que repele insinuações humilhantes e encobertadoras de intêresses que a justiça abomina. Eu ousou afirmar-vos, Sr. Embaixador, que não há no Brasil um português que, ao ler as respostas serenas e firmes do nosso Governo à Comissão de Não Intervenção, se não tenha curvado respeitoso perante a clarividência com que Salazar vê as emaranhadas questões internacionais, a presteza, rigor e simplicidade com que as escapela, denunciando intrigas interesseiras e maldosas e arrastando para o campo da justiça os fortes mas indecisos. E quem não há de curvar-se reverente e agradecido diante desse homem, que numa actividade quási milagrosa, enche de progresso a nossa terra, escreve páginas gloriosíssimas na nossa história e aponta novos rumos à Humanidade? Ainda há dias, um professor célebre, internacionalista e sociólogo, esforçando-se por descobrir, através da confusão apocalíptica dos nossos dias, o sentido que levam as sociedades, descortinou, nas sombras do futuro, as organizações de



Salazar como meta para a tranquilidade humana. Salazar não é mais um simples português: é uma figura mundial, por graça de Deus ao serviço de Portugal e da humanidade. O seu nome escuta-se nos quatro cantos da terra e com êle estas palavras gratíssimas "GLORIA A PORTUGAL".

Com Carmona, com Salazar, com o Govêrno Português, enfim, estamos solidários pelo dever que nos impõe a pátria agradecida.

Para nós portugueses estão estremados os campos. A linha divisória dêles não dá margem a liberdade de uma ideia — "to be or not to be". Ou com Carmona e Salazar pela pátria, ou com a Rússia pela destruição da pátria.

Senhor Embaixador, a mensagem diz tudo isto, porque diz a Salazar de que lado estão os portugueses do Brasil.

As palavras de Salazar, que acabais de ler, são a voz da nossa pátria em resposta ao nosso brado. E' a pátria estremecida que se rejubila por ver também em volta de si, nesta hora amarga de sua existência, os filhos dispersos pelas terras do Brasil que dela não se esquecem. E' a voz de Carmona, é a voz de Salazar aos portugueses do Brasil, reconhecendo o seu valor e tratando-os como merecem. Vamos meus amigos, guardá-las no coração, vamos ensiná-las a todos os portugueses do Brasil. Elas serão o cruzeiro a apontar-nos o caminho da Pátria para que não nos acotovelemos sem proveito e sem honra, na correria em que vamos, querendo cada qual servi-la melhor.

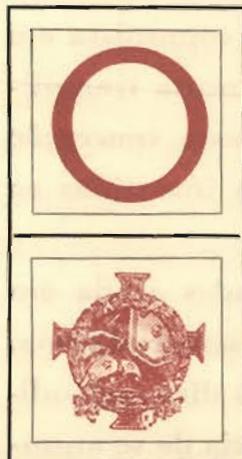
Senhor Embaixador, sois português como nós e, como tal, haveis de sentir como nós. Sois também o legítimo representante do Govêrno Português e, como tal, me ouvistes. Conheço o rigor dos regulamentos e também conheço os justos escrúpulos da vossa consciência. Apesar disso, haveis de perdoar que eu diga algumas palavras ao Embaixador.

Nesta espontânea manifestação dos portugueses do Brasil ao govêrno do nosso país, a vossa conduta foi tão aprumada, tão leal e tão sincera, que eu não devo deixá-la aqui esquecida. Quisestes conhecer a verdade, a pureza e extensão do nosso sentimento, para dele dar real conhecimento ao nosso govêrno, e honrastes-nos, indo, à frente da Missão Diplomática, ao templo onde cultuamos a pátria. Mais de duzentos e cincoenta mil portugueses, pela boca dos representantes das associações federadas, ali aclamaram o nosso govêrno e a vós.

Noite admirável, que ficará para sempre nos anais da história dos portugueses do Brasil. As palavras que ali pronunciastes, passarão de boca em boca como preciosos ensinamentos de amor à pátria.

E para que ouvíssemos a resposta do nosso govêrno, abristes-nos as portas da Embaixada, que é casa do mesmo govêrno, onde vós, representando-o, de algum modo o continuais. Honrastes-nos mais uma vez. Conhecestes a nossa alma. Aceitai o seu agradecimento e dizei ao govêrno português que vivemos contentes na fé da sua obra e no respeito de seu digno representante.

O ASSUNTO NAS SUAS LINHAS HISTÓRICAS



S trágicos acontecimentos da guerra civil de Espanha criaram uma tensão internacional, de modo a inquietar a humanidade sob a ameaça de uma nova conflagração, mais terrível sem dúvida, que a de 1914-18.

Portugal viu-se desde a primeira hora, directamente envolvido nesses acontecimentos e em suas possíveis conseqüências. Não porque o nosso Governo pensasse na quebra da neutralidade, não porque quisessemos intervir nas lutas intestinas de um outro país — mas pela fôrça indomável das circunstâncias.

Com aquela precisão matemática e ao mesmo tempo lucidíssima de que reveste os seus conceitos, disse o chefe do Governo, em uma entrevista sensacional, que Portugal, sob a ameaça do comunismo, o combateria dentro de suas fronteiras, mas não pretendia ir combatê-lo em terra estranha.

Era a definição lapidar, sucinta, categórica.

A atitude portuguesa tinha que ser de expectativa e defesa, nunca visando a tornar-se agressiva nem, muito menos, provocadora.

Apesar da correcção impecável do Governo de Portugal, o Governo de Espanha tomou atitude muito diversa.

A situação portuguesa agravava-se porque, ao que, com acêrto, se tem chamado “fatalidade geográfica”, estava o facto de flagrante disparidade entre os regimes das duas nações peninsulares. O estado novo português considera-se um regime exclusivo de portugueses e para portugueses, e de modo algum pensa ou jamais pensou em se



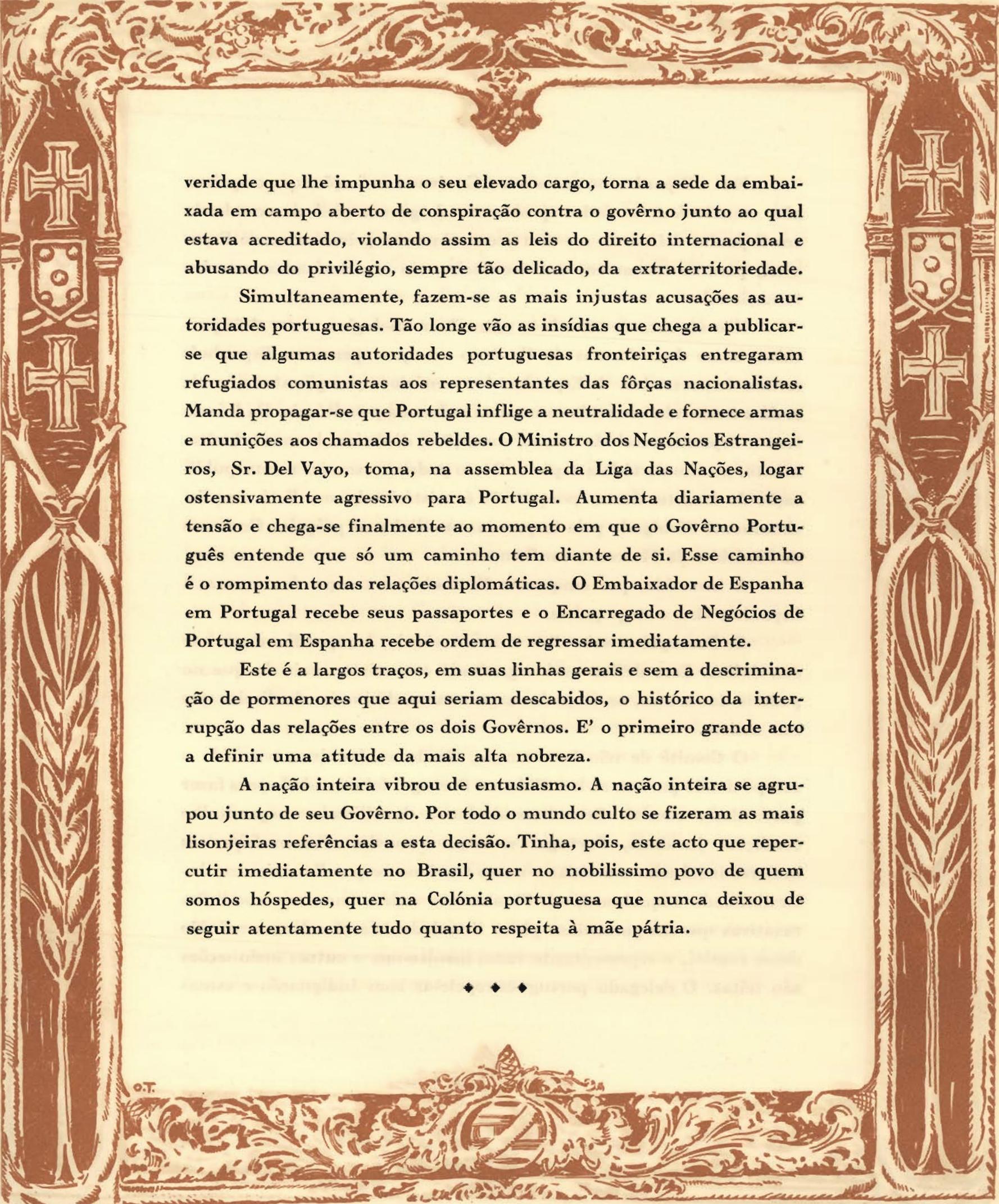
impor a quem quer que seja. A mentalidade e os processos do regime comunista são diferentes, visto que um de seus principais objectivos é o internacionalismo, a propaganda externa e a imposição violenta de seus dogmas a outros povos.

Dentro desta conhecida concepção, a dominação comunista em Espanha passou a ser uma gravíssima ameaça para a nossa tranqüilidade, para a nossa integral soberania, e foi dentro dessa concepção absorvente que partiram de Madrid as mais insólitas investidas ao direito internacional e principalmente a Portugal.

As afirmativas da imprensa Espanhola das cidades ainda em poder dos chamados legalistas, não deixam dúvidas de espécie alguma. Esses artigos, singularmente descorteses, são todos os dias aplaudidos por determinadas colectividades. Chegou-se à audácia de se anunciar o plano de um ataque a Portugal, na finalidade afrontosa de o incorporar à futura república Soviética Ibérica.

O mais grave não estava, ainda assim, nos artigos dos jornaes, nas declarações audaciosas dos sindicatos que, se são um sintoma, não têm categoria oficial. O mais grave estava, precisamente, na oficialização da hostilidade.

O Govêrno de Madrid deixou de atender às reclamações, justificadas e constantes, do encarregado de negócios de Portugal. Grupos armados, pertencentes a facções governistas, passam a nossa fronteira, por duas vezes, e vão cometer na livre terra portuguesa os abusos mais insolentes. A violação do Territorio é um facto concreto. Às reclamações enérgicas do Govêrno de Portugal, o Govêrno de Madrid responde com evasivas. Não toma a mínima providência, não pune os culpados, não apresenta satisfatórias desculpas. A Embaixada Portuguesa em Madrid é apedrejada e as autoridades permanecem impassíveis. O Embaixador Espanhol em Lisboa, esquecendo-se da se-



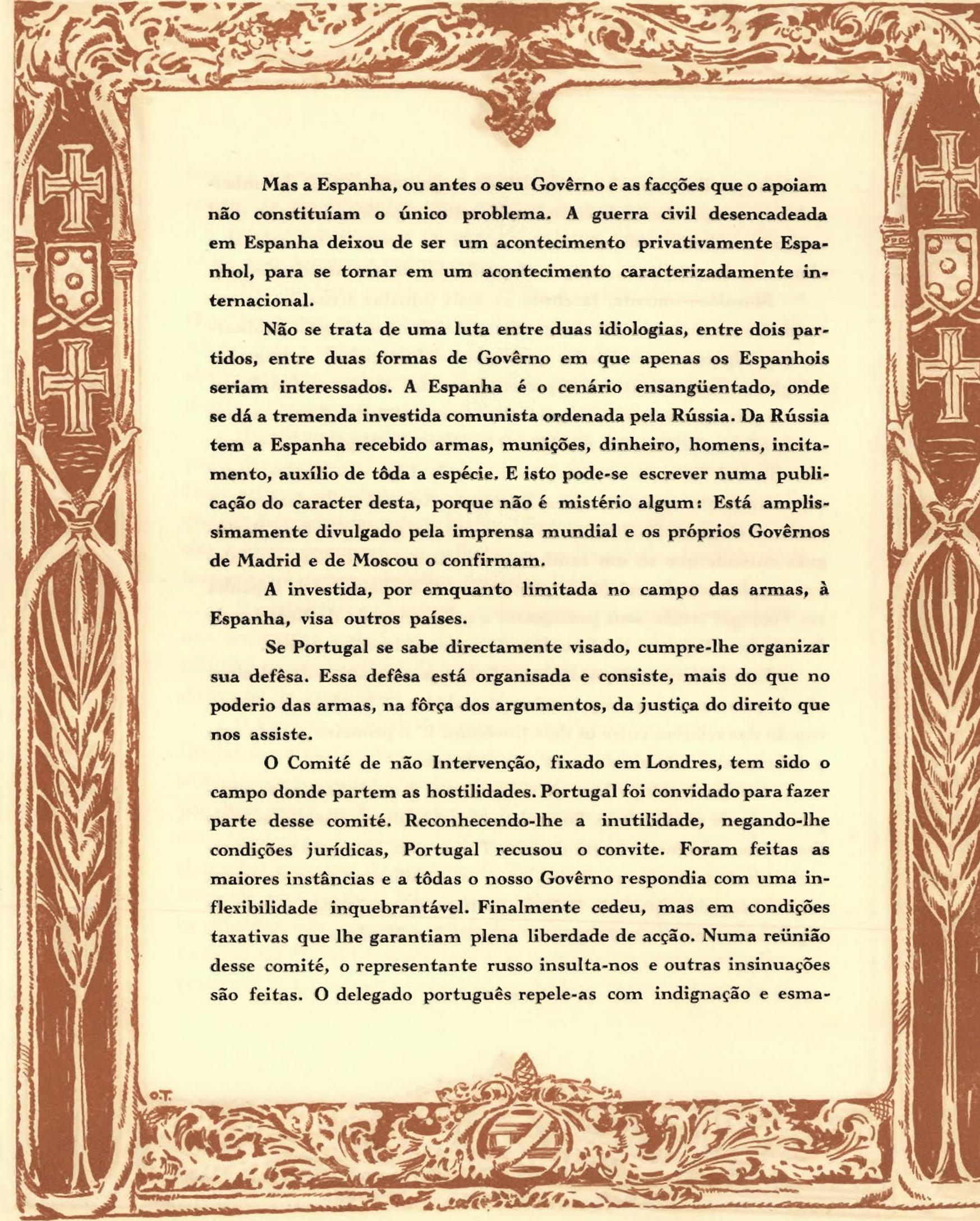
verdade que lhe impunha o seu elevado cargo, torna a sede da embaixada em campo aberto de conspiração contra o govêrno junto ao qual estava acreditado, violando assim as leis do direito internacional e abusando do privilégio, sempre tão delicado, da extraterritorialidade.

Simultaneamente, fazem-se as mais injustas acusações as autoridades portuguesas. Tão longe vão as insídias que chega a publicar-se que algumas autoridades portuguesas fronteiriças entregaram refugiados comunistas aos representantes das fôrças nacionalistas. Manda propagar-se que Portugal inflige a neutralidade e fornece armas e munições aos chamados rebeldes. O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Sr. Del Vayo, toma, na assemblea da Liga das Nações, logar ostensivamente agressivo para Portugal. Aumenta diariamente a tensão e chega-se finalmente ao momento em que o Govêrno Português entende que só um caminho tem diante de si. Esse caminho é o rompimento das relações diplomáticas. O Embaixador de Espanha em Portugal recebe seus passaportes e o Encarregado de Negócios de Portugal em Espanha recebe ordem de regressar imediatamente.

Este é a largos traços, em suas linhas gerais e sem a discriminação de pormenores que aqui seriam descabidos, o histórico da interrupção das relações entre os dois Govêrnos. E' o primeiro grande acto a definir uma atitude da mais alta nobreza.

A nação inteira vibrou de entusiasmo. A nação inteira se agrupou junto de seu Govêrno. Por todo o mundo culto se fizeram as mais lisonjeiras referências a esta decisão. Tinha, pois, este acto que repercutir imediatamente no Brasil, quer no nobilissimo povo de quem somos hóspedes, quer na Colónia portuguesa que nunca deixou de seguir atentamente tudo quanto respeita à mãe pátria.





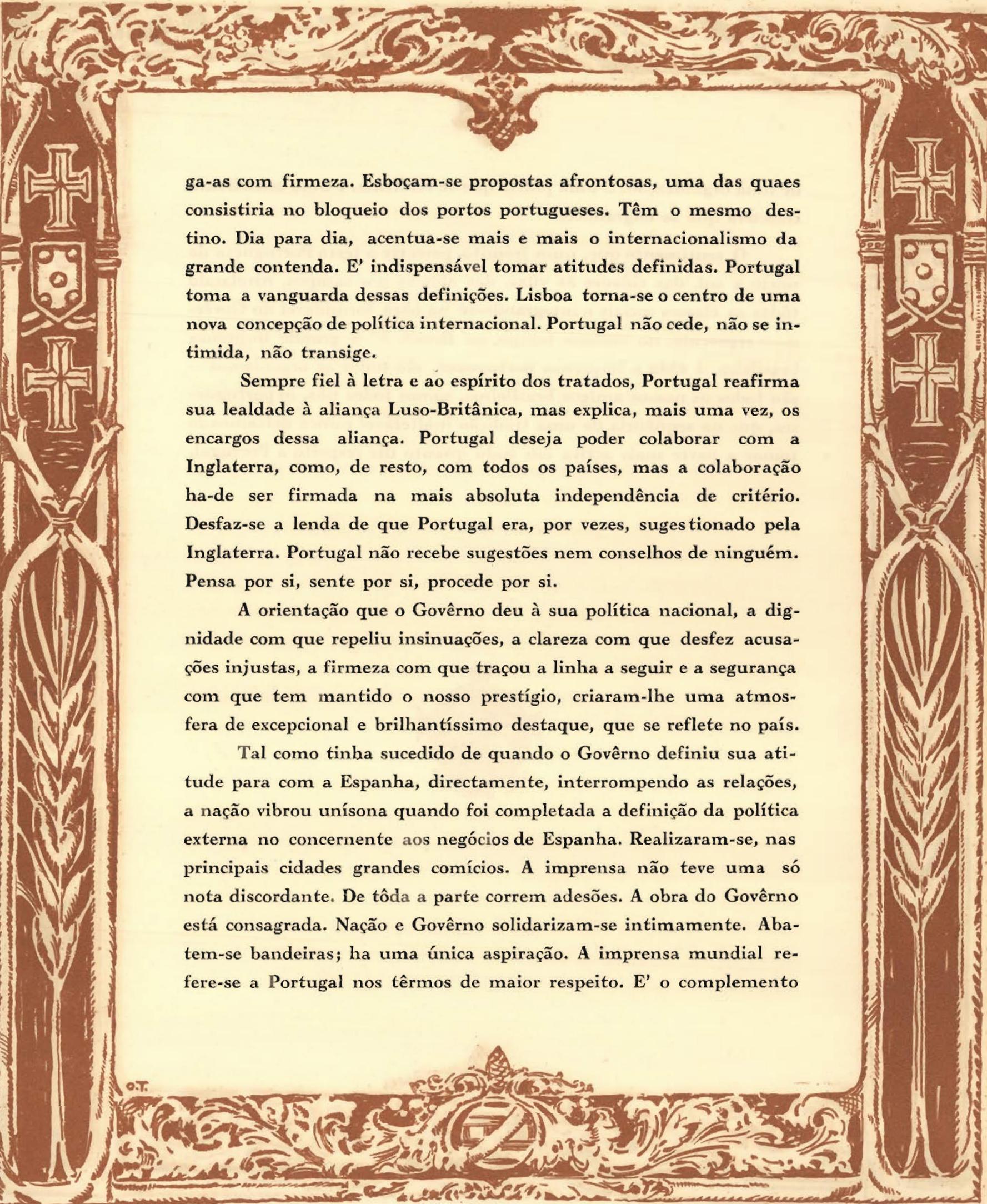
Mas a Espanha, ou antes o seu Governo e as facções que o apoiam não constituíam o único problema. A guerra civil desencadeada em Espanha deixou de ser um acontecimento privativamente Espanhol, para se tornar em um acontecimento caracterizadamente internacional.

Não se trata de uma luta entre duas ideologias, entre dois partidos, entre duas formas de Governo em que apenas os Espanhois seriam interessados. A Espanha é o cenário ensangüentado, onde se dá a tremenda investida comunista ordenada pela Rússia. Da Rússia tem a Espanha recebido armas, munições, dinheiro, homens, incitamento, auxílio de tôda a espécie. E isto pode-se escrever numa publicação do character desta, porque não é mistério algum: Está amplissimamente divulgado pela imprensa mundial e os próprios Governos de Madrid e de Moscou o confirmam.

A investida, por enquanto limitada no campo das armas, à Espanha, visa outros países.

Se Portugal se sabe directamente visado, cumpre-lhe organizar sua defêsa. Essa defêsa está organizada e consiste, mais do que no poderio das armas, na fôrça dos argumentos, da justiça do direito que nos assiste.

O Comité de não Intervenção, fixado em Londres, tem sido o campo donde partem as hostilidades. Portugal foi convidado para fazer parte desse comité. Reconhecendo-lhe a inutilidade, negando-lhe condições jurídicas, Portugal recusou o convite. Foram feitas as maiores instâncias e a tôdas o nosso Governo respondia com uma inflexibilidade inquebrantável. Finalmente cedeu, mas em condições taxativas que lhe garantiam plena liberdade de acção. Numa reunião desse comité, o representante russo insulta-nos e outras insinuações são feitas. O delegado português repele-as com indignação e esma-



ga-as com firmeza. Esboçam-se propostas afrontosas, uma das quaes consistiria no bloqueio dos portos portuguezes. Têm o mesmo destino. Dia para dia, acentua-se mais e mais o internacionalismo da grande contenda. E' indispensável tomar atitudes definidas. Portugal toma a vanguarda dessas definições. Lisboa torna-se o centro de uma nova concepção de política internacional. Portugal não cede, não se intimida, não transige.

Sempre fiel à letra e ao espírito dos tratados, Portugal reafirma sua lealdade à aliança Luso-Britânica, mas explica, mais uma vez, os encargos dessa aliança. Portugal deseja poder colaborar com a Inglaterra, como, de resto, com todos os países, mas a colaboração ha-de ser firmada na mais absoluta independência de critério. Desfaz-se a lenda de que Portugal era, por vezes, suggestionado pela Inglaterra. Portugal não recebe sugestões nem conselhos de ninguém. Pensa por si, sente por si, procede por si.

A orientação que o Govêrno deu à sua política nacional, a dignidade com que repeliu insinuações, a clareza com que desfez acusações injustas, a firmeza com que traçou a linha a seguir e a segurança com que tem mantido o nosso prestígio, criaram-lhe uma atmosfera de excepcional e brilhantíssimo destaque, que se reflete no país.

Tal como tinha sucedido de quando o Govêrno definiu sua attitude para com a Espanha, directamente, interrompendo as relações, a nação vibrou unísona quando foi completada a definição da política externa no concernente aos negócios de Espanha. Realizaram-se, nas principais cidades grandes comícios. A imprensa não teve uma só nota discordante. De tôda a parte correm adesões. A obra do Govêrno está consagrada. Nação e Govêrno solidarizam-se intimamente. Abatem-se bandeiras; ha uma única aspiração. A imprensa mundial refere-se a Portugal nos têrmos de maior respeito. E' o complemento

de uma organização. É uma pátria que se reafirma, é uma consciência colectiva que se engrandece.

O sentimento que, num frémito, percorre a terra Portuguesa de norte a sul, das cidades às vilas, das aldeias aos campos, nivelando tôdas as classes sociais e integrando-se na obra formidável do Govêrno—repercute, no mesmo tempo, no Brasil. E' a grande imprensa brasileira, é tôda a imprensa portuguesa, são todos os organismos—são todos os nossos amigos brasileiros, somos todos nós, os portugueses, que na seqüência de uma tradição inalterável nunca deixamos de tomar a parte mais activa em tudo quanto diz respeito a Portugal.



Desta edição fez-se uma tiragem especial de quatro exemplares de luxo, em papel "Goat-Skin", dos quais o n.º 1 foi entregue em Lisboa ao Presidente da República, Senhor General ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA, por uma embaixada da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, assim constituída :

Pelo RIO DE JANEIRO

Victorino Moreira
António Parente Ribeiro
Augusto de Castro Lopes Brandão

S. PAULO

José Loureiro dos Santos Baptista

SANTOS

José Bento de Carvalho

RIO GRANDE DO SUL

Vasco Vieira da Fonseca

BAÍA

José da Costa Magalhães

PERNAMBUCO

Dr. António Pereira de Sousa

PARÁ

José Rufino
Manuel Gaudêncio Ramos
José de Brito Crisóstomo

IMPRESSO NO BRASIL — TIP. MERCANTIL — RIO DE JANEIRO



50
6222

